



Por muito tempo, a Ponte dos Dois Arcos, as narrativas das comunidades do Passo dos Negros entre outros tantos elementos afrodispóricos que constroem a esfera patrimonial da cidade de Pelotas, foram asfixiados por relações de poder. Interações que subestimam a potencialidade e a assertividade dos povos racializados, por buscarem padrões brancos da existência. Sabemos que a maior parte das populações de Pelotas descende dos africanos sequestrados na África e escravizados nas charqueadas. Foi através da exploração do conhecimento negro que a cidade foi construída. A cultura que hoje entendemos como pelotense é composta por sua diversidade étnica que nutre suas raízes no atlântico negro. A Ponte dos Dois Arcos é a materialização deste marco atemporal, pois além de ter sido construída em 1854 por pessoas negras, ela é ancestral, um símbolo de toda a resiliência, um elo entre a ancestralidade negra com a história de Pelotas. A história do local que Seu Pedro, morador do Passo, conta, precisa ser expandida por nós como galhos das figueiras que nos abraçam com suas sombras e nos embalam para futuros possíveis. Que a potência da ancestralidade do espaço e sobretudo a imanência das pessoas que habitam o território onde a Ponte dos Dois Arcos persiste, (re)existam..

